



Trajétoria de uma associação de catadores(as) de lixo no Brasil: em busca do lugar social.

Cláudia Megale Adametes

Contextualizando

Muitos movimentos dispostos em múltiplos sentidos abrem-se à reflexão e compreensão das diversas formas de exclusão social produzidas em suas dimensões materiais e imateriais. No âmbito do consumo, como determinação empírica, presa à situação do *não ter* a idéia se fecha à possibilidade crítica e separa, estigmatiza, escapa. Na dinâmica dos significados e orientação de modos de vida, exclusão é vivência que *ultrapassa* - redefinidos os conceitos de satisfação de necessidades básicas - o acesso aos bens materiais; que produz *experiências*, práticas que atravessam as esferas sociais nas relações do homem em seus espaços. Em meio aos campos de interesses dos diversos olhares como, por exemplo, os pautados na “linha da pobreza”, inscritos nas abordagens economicistas naturalizantes e personalistas, ou na idéia totalizante de “civilidade universal” localizada no terreno dos direitos, orientam-se, através dos tempos, reflexões que sustentam abordagens e políticas públicas para ações de enfrentamento da exclusão - as questões são para onde olhar e perceber em que medida determinados focos e lentes tornam “intransparentes” os mecanismos excludentes.

A busca desta compreensão norteou um percurso de pesquisa delineado entre 1994 e 1999¹ a partir de um foco específico: procuramos, na interseção do material e subjetivo, entre as condições objetivas e o viver, as nuances (não “pré-resolvidas” nas determinações estruturais feitas de abordagens gerais) e os processos de elaboração das identidades individuais e coletivas para além da concepção de ex/inclusão presa ao eixo inclusão formal ao trabalho-acesso a bens e direitos sociais. Partimos do princípio de que para além dos limites da pobreza e da precariedade, exclusão faz parte de um movimento de não inclusão, de apartação, de negação como decisão histórica e cultural de criar interdições. Revela-se com ela um sentido humano atado enquanto restringe potências e encerra possibilidades e forte é o resultado do seu impacto em vidas incluídas na condição de exclusão.

Foi deste lugar, portanto, que pudemos captar as vivências de catadores (as) do antigo lixão de Araraquara mediante os impactos excludentes da reorganização da limpeza pública do município em ‘moldes ecológicos’, realizada pelo poder público entre 1994 e 1995, que implicou na pouco planejada remoção de cerca de duzentos (as) catadores (as) de lixo do depósito. A reconstituição deste processo norteou-se, especialmente, no sentido de tecer o pano de fundo dos acontecimentos, as implicações das políticas e ações direcionadas àquelas pessoas realizadas naquele momento e de desvendar, num contraponto, as estratégias muitas vezes positivas, formuladas do ponto de vista do ‘excluído’. Suas concepções de trabalho, saúde, cotidiano, dialogam com as políticas públicas – orientadas por práticas marcadas pelas idéias de *assistência e caridade* - que lhe foram direcionadas neste contexto específico e afirmam: somos sujeitos sociais, temos nossos princípios, nossa moral, nossa ‘etiqueta’², nossas expectativas, nossos sonhos. Mas também nos absorvemos dos estigmas, das prenoções produzidas por uma compreensão fragmentada e utilitária da pobreza nos diferentes momentos das trocas sociais - tornamo-nos carentes, necessitados, passíveis e passivos esperando, nesta via de reconhecimento, que os alimentos e agasalhos cheguem logo.

¹ Dissertação de Mestrado: *O olhar da inclusão: possibilidades de pesquisa de campo com catadores de lixo*. (Adametes, 1999: FCL UNESP/Araraquara).

² Sarti (1996); Zaluar (1985).

Ao evidenciar os movimentos de sentido reafirmativo preconizados por sujeitos considerados descartáveis em diversos momentos de sua trajetória, pudemos apontar uma opaca compreensão, por parte do poder público e dos diversos sujeitos que formaram *redes de ajuda circunstanciais*, dos mecanismos que produzem exclusões sociais: o resultado da maneira como o processo de remoção foi conduzido resultou na total desarticulação e reforço da situação de fragilização de famílias que moravam dentro do depósito de lixo e viviam da catação, algumas, há vinte anos ou três gerações. O desmantelamento das condições de sobrevivência daquelas pessoas gerou sofrimento e inadaptação por longo período, marcando ainda mais sentidos de exclusão e fez com que o problema se escancarasse e estendesse exigindo atenção que ultrapassasse soluções temporárias e ineficazes como alojamentos e cestas-básicas: tratava-se, em primeira instância, de reconhecer a identidade do (a) catador (a) como trabalhador (a), sua capacidade e autonomia de – ainda que de forma precária – prover sustento e, acima de tudo, de reconhecer sua humanidade.

Entre 1998 e 2000, diante da urgência que a situação dos (as) catadores (as), caracterizada por constantes disputas exigia, diante das questões que estavam colocadas à discussão para o poder público e para a população da cidade através de artigos de jornais, reportagens locais, em meio a campanhas eleitorais e à idéia das novas tendências de gestão pública desenhadas na esfera mais ampla dos debates sobre a ‘globalização neoliberal’, organizam-se movimentos caracterizados pela tentativa de reformulação da ação: elos para discussão entre catadores (as) e articuladores políticos foram afirmados para a busca de soluções que pretenderam reconduzir as práticas de assistência na direção da elaboração de um novo posicionamento. Neste cenário de reformulação da orientação para a questão das políticas sociais que demarca, em várias instâncias, a atual gestão municipal estrutura-se em 19/11/2001 a Associação de Catadores (as) de Lixo Acácia.

Com base em atenta elaboração etnográfica fundamentada, por sua vez, em estudos sobre *cotidiano*, por meio da reconstituição de histórias de vida, no horizonte das discussões sobre cidadania, exclusão-inclusão e políticas sociais, esperamos amadurecer a compreensão acerca do universo das estratégias de elaboração da vida em tempos de globalização.

Campo

A Acácia é composta, atualmente, por 50 associados (as), mas é necessário compreender o lugar de cada uma dessas pessoas no processo contínuo de sua formação para a elaboração de um quadro que nos permita visualizar o campo de pesquisa de maneira geral. Já dissemos anteriormente que sua formação é resultado de um processo que se estende de 1994 até os dias de hoje, cujo eixo central é a busca de uma solução para o problema do lixo alavancada, em suas múltiplas dimensões, pelas questões relacionadas aos (às) catadores (as). Muitos dos (as) associados (as) – cerca de 20 – chegaram recentemente e têm uma estória bem diferente (embora sejam os mesmos os processos excludentes que os (as) levaram à Acácia) de quem catava lixo no antigo depósito “desde o início”. O início, de acordo com D. Lurdes, negra, 60 anos, 10 filhos, 7 netos, data de muitos anos:

“(…) aí o primeiro caminhão de lixo, eu vi com meu marido e falei: o que é aquilo que tão jogando lá? Ele falou o que era e eu falei: então vamos pedir? Tanto papelão, muita coisa... Aí fomos lá pedir pro motorista, o motorista falou assim: cês quer catar, cata. Aí resolvemos catar, catamos, aí ficamos lá esse tempo todo, aí a turma que carregava papelão, a gente falou pra eles, que a gente não queria só pra nós, aí encheu de gente. tem mais de vinte ano , muito mais, já isso, que neto num era nascido e criança tinha pequena ainda.” (01/08/1997)

D. Lurdes compõe a associação e a associação funciona em um espaço no mesmo lugar onde o primeiro caminhão despejou e continua despejando lixo e onde até hoje muita gente vive, de maneira “autônoma”, à cata de material para reciclagem. No local (imaginese um grande terreno, de um lado um grande canal, de outro uma pequena estrada de três km num dos limites da cidade, bem longe das regiões centrais) há uma esteira – que está desativada há um ano para a manutenção que, é sabido, só ocorrerá no próximo momento eleitoral – onde apenas uma parcela do lixo produzido pela cidade é despejado para ser triado, pois “não tem gente bastante pra dar conta de tudo o que jogam fora”. (Felipe, 16, na catação há 9 anos) Ao lado da esteira há baias onde o material selecionado é preparado (lavado e prensado) e armazenado para as vendas quinzenais. O ritmo de trabalho é muito intenso: começa às 7 e termina por volta das 18 horas e é dividido por idade e sexo, ou seja, os mais velhos executam trabalhos que não exigem tanta força física (separar, por exemplo, as tampas das garrafas PET), como carregar carrinhos lotados de material para as baias, o que é trabalho para os (as) mais novos (as): a própria catação direta no terreno (em tempos de esteira em manutenção) onde os caminhões despejam o lixo, duas vezes pela manhã, fica

por conta destes; no entanto, quando se trata de triar lixo, não há função que seja mais tênue...

Uma das grandes questões em foco quando se trata do assunto é a insalubridade - suposta em todas as suas dimensões - deste tipo de atividade, pois o próprio trabalho dos lixeiros, varredores (as) de calçada ou lugares públicos, dos (as) catadores (as) de papel nas ruas já é, de antemão, estigmatizado (no sentido de Goffman, 1982) tido como menor, sujo ou marginal, como não trabalho e é justamente isso que movimentou e movimenta as discussões a respeito do (a) catador (a) em Araraquara e em muitos locais onde estive: a má impressão causada ao olharmos pessoas em meio ao que consideramos inútil, descartável, seja em uma esteira ou em um campo aberto é muito ruim e tendemos a pensar, com pesar, que aquela atividade, é claro, deve ter sido a última das últimas alternativas para aquela gente.

Não deixa de ser verdade - os próprios relatos que tenho reunido há anos apontam trajetórias fragmentadas no sentido do trabalho formal: a maior parte das pessoas que trabalham na Acácia nasceram em fazendas, não estudaram e foram trabalhadores (as) rurais nesta região que é uma das maiores da América Latina em produção de cana-de-açúcar e laranja e sabemos, através de tantos estudos além de vermos com nossos próprios olhos, das práticas de exploração do trabalhador rural por grandes produtores (afinal, há a complexa questão da terra...). Despojados de sua possibilidade de oferecer trabalho por conta das novas tecnologias no campo e também da idade que vai avançando, muitos acabaram sem opção - é essa a caminhada da maioria dos (as) narradores (as) desta pesquisa e há recortes específicos nas trajetórias das mulheres que, na sua maioria - e isso também já é tão discutido! - têm sustentado a casa e a família (são sempre mais de três filhos) sozinhas, sem a ajuda financeira ou afetiva dos maridos...

Por isso a Acácia é fundamentalmente composta por mulheres - há apenas 12 homens, dos quais 7 são filhos e 4 são netos dessas mulheres. Eis, neste ponto, outra especificidade: quase todas as pessoas são parentes por se conhecerem há muitos anos (cerca de 15 ou 20) da época do lixão a céu aberto, há casos de três gerações trabalhando ali e algumas chegaram a trabalhar juntas no corte da cana e na catação da laranja. Isso não significa, no entanto, que todos sejam amigos, pois a sobrevivência é luta - luta contra a miséria, pela lucidez, contra a marginalidade... O fato é que seríamos ingênuos se não

olhássemos para toda a questão com coragem e não detectássemos todas as implicações trazidas pela precariedade das vidas em questão – há muitas discussões sobre a associação da pobreza à marginalidade, à delinquência, à *exclusão* (em tantas concepções), à *subcidadania*³.

Há ali uma questão: a precariedade persiste e podemos pensar, para entender, que as trajetórias estão relacionadas a um *campo* (Bourdieu, 1983, 1996) no qual desenvolvem-se *habitus* ou apenas uma maneira de viver que, se não é a ideal, tem dado certo, até:

“(…) Nós vive aqui, assim, dá certo. A vida da gente é essa. Esse de ter que estudar é bom, mas não serve muito, não tenho paciência, sou meio cabeça-dura. É bom pros menino que é esperto [as crianças], mas sei lá... (Sandra, filha de D. Lurdes, 28 anos, 4 filhos pequenos)

Essa maneira de viver, penso, não cria muitas possibilidades (e já estamos falando das famílias) neste mundo das especializações, concorrência e desemprego brutais e, sem opções, presos num campo que estigmatiza e onde o que poderíamos chamar, arriscando, de positivo escapa, 70% dos meninos têm passagem pela polícia, os menores em reformatórios ou “centros educacionais” alguns foram presos, outros morreram. Todos utilizam, já utilizaram, comercializam, já comercializaram drogas (maconha e cocaína são as mais comuns). Todas as meninas de 13 a 20 anos têm mais de um filho, são solteiras e a maioria é analfabeta. Esses dados, estáticos, formam um quadro muito conhecido, aberto a tantas discussões realizadas e que se realizarão, muito importantes é claro, mas quando entramos no universo das palavras dessas pessoas, percebemos que as relações são mais sutis e talvez das sutilezas retiremos o que pode haver de melhor para se trabalhar de forma prática, maneiras de combate à pobreza.

Contraponto metodológico

Reorientação do olhar

Em aventura científica – sociológica, individual, vivida - à procura da verdade, à captura (im) precisa do real, as reflexões epistemológicas e a construção de espaços para as práticas de pesquisa definem-se no jogo entre os universos *objetivo*, externo, total, dado e *subjetivo*, interpretado, cotidiano, construído. Do novo espírito científico, dedutivo, racional, mediato, às percepções mais espontâneas e sensíveis que emergem do diálogo

³ Ver Kowarick, 2000; Telles, 2001; Adametes, 1999, por exemplo.

sujeito-objeto, percorremos os lugares nos quais se revelam histórica e simbolicamente as relações sociais e nesse movimento, no exercício histórico da construção das ciências, impõe-se, centrais, rupturas e recuperações das pré noções em “simplicidade tentadora”⁴.

Na dinâmica das transformações da sociedade atual, em meio à emergência de novos processos culturais-econômicos-políticos, nos deparamos com objetos e lugares que instigam abordagens repensadas e, nesse sentido, focamos o processo metodológico e perseguimos a descoberta além da prova porque sabemos, hoje, de um real constituído historicamente - além das imediatas representações, mas também por elas-, em “rupturas e paulatinas reconstruções”⁵. Neste deslocamento, coloca-se em jogo as macro abordagens, construídas pelas preocupações e elaborações do pensamento clássico. Reflete-se sobre o empírico, discute-se o erro. Deslocamos o olhar e reelaboramos o foco.

Este movimento de reelaboração de uma Sociologia que abarque e *concilie* a teoria clássica, próprio fundamento desta ciência, às possibilidades de abordagem das questões trazidas pela configuração de um *novo mundo* indica a importância de uma percepção mais sensível da relação subjetividade-objetividade: trata-se de perceber a dupla dimensão da realidade social, de compreender *o sentido* do estrutural, institucional e as formas pelas quais se estabelece a interiorização desta realidade, de como o homem organiza o vivido⁶.

Em outras palavras, lembrando Foucault, o objeto das ciências humanas é o sujeito que, no interior das formas de produção que organiza e constitui sua existência, constrói a representação das suas necessidades e desejos, a representação da sociedade pela qual, com a qual ou contra a qual se satisfaz. Não se trata da análise do ser humano em sua natureza, mas do que está entre o que somos - vivemos, trabalhamos, desejamos - e o que é a vida - como vivemos, como o trabalho se estabelece, como desejamos.

Trata-se, desta forma, de pensar as totalidades, as relações inquestionáveis de dominação e poder trazidas pelo desenvolvimento incansável da lógica capitalista levando em conta o experimentado, o cotidiano, as práticas vivenciadas pelos sujeitos em capacidade reflexiva e interpretativa de si e dos processos dinâmicos que regem sua existência. Tais questões anunciam o jogo entre o real definido em relação à sua totalidade anterior e externa e sua apreensão individual realizada de interpretações, de recortes

⁴ Bachelard, 1968.

⁵ Bourdieu, 2000.

⁶ De acordo com a concepção de Alfred Schutz in Martins, 1998.

multiculturais, que se revelam, nesse processo, identitários; o jogo entre o todo e as partes, o coletivo e o particular, o macro e o micro, o *totem* e a experiência.

Neste redesenho teórico-epistemológico das ciências sociais delineiam-se propostas que, num mesmo movimento, negam e recuperam as teorias clássicas num sentido de elaboração de novos consensos heurísticos que considerem complexidades e inter-relações, que alarguem fronteiras de ação social, que equilibrem a antinomia particularismo-universalismo, em direção ao reencantamento do mundo, à “pluralidade de mundividências”. Procuramos, no equacionamento do dilema indivíduo-sociedade, os sujeitos em seus significados – afinal, “a subjetividade é inerente à ação social” (Weber) -, as convergências e (des) continuidades, as identidades que podem indicar mecanismos estruturais e reconciliar leis gerais com dia-a-dia para uma revisitada epistemologia da ciência social; integramos o senso comum e partimos do indivíduo, desvendamos intersubjetividades no vivido experimentado sem que o método se transforme em teoria em si, mas seja caminho necessário e enriquecedor à problematização e entendimento dos conflitos globais, das lutas de classes, desta miséria avassaladora e estrutural.



Muitas vezes, porém, nesse movimento onde o olhar se desloca em direção a novos lugares de análise, sabemos que estamos em contato com o escondido, com as diversidades sufocadas por processos mais gerais fundados em lógicas globalizantes, produtivistas, instrumentais e, justamente por sabermos de tudo e também estarmos, aqui, presos a essas lógicas, não somos capazes de - como diria Boaventura – *traduzir* o que vemos. E o que vemos é descrito e compreendido, valorizado, reencontrado sim, mas a partir do olhar cujo teor é constituído com base em um tipo de racionalidade que se quer a única, dominante, globalizante maneira de viver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o cotidiano, a vida.

A crítica ao teor do olhar não é novidade no campo das ciências humanas – está presente nos estudos sobre culturas, como fundamento das teorias antropológicas, nos estudos sobre alteridade-identidade, nas etnografias, na Sociologia de Benjamin, em Leibniz e em inúmeros outros campos de tradição teórica – e pode ser hoje um aprendizado para a compreensão de diversos fazeres sociais inscritos pela necessidade primeira da sobrevivência. Nos lugares onde a sobrevivência mais objetivada (comer, beber, respirar...)

é obstruída constantemente, residem mecanismos e fazeres muitas vezes não incluídos nos discursos globalizantes como conhecimento e luta cotidiana.

Penso nisso agora, ao lembrar do processo da pesquisa – nas questões que foram se abrindo à minha compreensão tão inexperiente - sobre catadores de lixo realizada na cidade de Araraquara, interior de São Paulo: buscava-se, naquele momento, os sentidos imprimidos à vida daquelas pessoas que, oficialmente, existiam sob a condição de excluídos sociais. Embora os primeiros caminhos da pesquisa tenham levado à realização de uma crítica às idéias assim estabelecidas de inclusão/exclusão, acredito que o valor real daquele trabalho foram as possibilidades muito ricas das vivências abertas à análise. Naquelas vivências estavam saberes criativos para a articulação da sobrevivência, da existência - não só imediata, mas mais plena de significados como sempre queremos – sempre (des) classificadas ou desvalorizadas por uma racionalidade que obscurece, não deixa emergir, que bloqueia potencialidades.

Nesse mesmo sentido, Santos, 2000, propõe, através de um elaborado mecanismo metodológico que coloca em questão não só o lugar da análise, mas o sentido da razão ocidental capitalista, uma *Sociologia das Emergências* cuja realização opera no sentido de realizar no espaço do possível, das realizações cotidianas legítimas - porém não legitimadas pelo modelo racional dominante e, portanto, *ausentes* aos olhos “oficiais” – uma coerência entre experiências e expectativas, fundamento das mudanças “no agora”. Esta idéia pode aprofundar as discussões em pauta ao procurar a reconstituição do teor do nosso olhar para além dos lugares e focos e talvez para uma reorientação interna mesmo do pesquisador – seja um ativista social, um agente que vivenciou experiências sociais excludentes, alguém que foi atropelado ou se sensibilizou com as questões relacionadas a todas as formas da exclusão que desvaloriza, oprime e aparta. Trata-se de reorientar os sentidos da nossa compreensão, de observar em que está fundamentada nossa *motivação*.



Os descaminhos e reelaborações teóricas destes tempos traçam fundamentalmente a crítica à filosofia cartesiana em sua característica totalitária - estática, determinista, funcional, mecanicista, etc. - e devem se orientar não na exaltação ou centralização, mas na busca da *liberdade de abordagem* das especificidades, intersubjetividades, ou como propôs Santos, das pluralidades inscritas em objetos delineados por “fronteiras cada vez menos definidas”, ou talvez menos claras, porque reinventadas pelo próprio movimento

imaginativo e criativo do ser humano. Nesse sentido, por uma “racionalidade mais plural”, ou em retomada da “imaginação sociológica”, os debates nas ciências sociais tomam fôlego e polemizam posicionamentos: como estão se fundamentando as pesquisas nessa área do conhecimento, o que estamos perseguindo ou pretendendo com nossas pesquisas? Acredito que procuramos, hoje, lugares, espaços, brechas para a retomada de uma postura crítica face aos continuísmos reafirmadores de processos desiguais que de alguma maneira emancipe, resgate mobilidade, ou reorganize nortes, oriente sentidos de existência, pois encontramos-nos, muitos, inconformados, mas imóveis. Imóveis porque as reflexões ou expressões livres, novas, sendo realizadas não estão visíveis, são ainda muito pouco iluminadas, mal recebidas. Porque, desacreditados das perspectivas históricas e exaustos pela realidade, perdemos muitas vezes o centro. Por isso ganham força os detalhes, as falas, a vivência que se desdobra em cotidiano; porque é onde detectamos vida, é onde percebemos o movimento pela sobrevivência - que em si carrega resistência e desejo de emancipação -, além da aparente inércia. Por isso o foco deste trabalho está mais nos sujeitos do que nos processos, na caminhada mais do que na estrada, mais nos pés do que no chão.

Trilhas

Escolhidos, a nortear nossos passos, caminho e foco metodológicos, abrem-se em nossas andanças trilhas a serem percorridas no sentido do que se propõe aqui: a reconstituição da formação da associação de triadores de lixo Acácia. Eis nosso problema de pesquisa: descobrir, neste rumo, em meio às relações tecidas, os detalhes e as cores que nos podem revelar mais a respeito das incontáveis (pois que um fio sempre puxa o outro) questões que envolvem o tema – exclusão, pobreza, cidadania são algumas delas, pelo menos as mais focadas até agora nesta “aventura sócio-antropológica”.

Sem pressa de definir ou eleger a iniciativa de formação da Associação Acácia – onde pode-se pressupor ganhos em relação à organização do trabalho em termos de segurança, formalização, visibilidade, etc. – após anos e anos da extrema precariedade da catação em lixão a céu aberto como a solução (finalmente) de um grande problema local, preferimos observar sua dinâmica e pensar que a situação em que se encontram as famílias referidas é extremamente transitória em muitos sentidos. Sem dúvida a organização destes

trabalhadores é uma vitória precedida de tantas lutas... Lutas travadas no campo das políticas públicas em batalhas cotidianas nas quais os objetivos se desenham e confundem na busca primeira da sobrevivência.

A sobrevivência como foco. É para ela que todos estão, em suas trajetórias, sempre olhando e é por ela que - nos descaminhos forjados pelos gigantescos mecanismos de desigualdade e injustiça incansavelmente desfolhadas em um sem número de tratados e estudos como este – que todos lutam. Acontece que em meio às lutas definem-se horizontes, atores, rumos, possibilidades e concretizam-se ações, materializam-se, dentro das condições oferecidas no momento, das tendências políticas, dos parâmetros de pensamento social, enfim, num cenário, situações. E é na trilha destas lutas no curso das trajetórias cotidianas - narradas em longas entrevistas - que nos encontramos neste momento: nossa caminhada procura identificar para repisar as pegadas dos (as) nossos (as) narradores. Recriamos as histórias das vidas, remexemos e trazemos à tona as memórias num processo de conhecimento e reconhecimento – encontrando os atores em pleno movimento de existência, eles se encontram e nos encontramos também. E também rememoramos.

Uma pequena amostra: o destino

D. Lurdes Souza é uma mulher negra, de fisionomia e traços firmes, que pouco denunciam seus sessenta e sete anos de idade. Nasceu e foi criada em uma fazenda de café de Boa Esperança do Sul, a 23 quilômetros de Araraquara, interior de São Paulo, onde seu pai trabalhou como caseiro e agricultor enquanto sua mãe cuidava da casa e das crianças, além de ajudar na roça. A boa criação dispõe-se, marcante, nos hábitos cotidianos de limpeza, organização da casa e na dignidade de viver sem *pedir* [esmolos]. No decorrer de suas narrativas e através de observação empírica, podemos perceber sua etiqueta, sua maneira de se comportar e dispor da casa: sua educação era séria:

“Meu pai trazia e colocava a gente ali, não deixava sair, tinha que trabalhar na roça, era dura a vida lá na roça. Essas coisa de cozinha, lidar com o fogão de lenha, isso é de ajudar minha mãe que eu sei, e a gente aprende quando casa.

Seu primeiro emprego, na cidade, foi em ‘casa de família’ como babá. Estava com onze, doze anos: era um tempo bom, em que os “patrões eram melhores”, e podia ter de tudo, bom tratamento, ‘quarto com guarda-roupa’, boas gorjetas, além dos mantimentos que

ganhava nos finais de semana, quando voltava para a fazenda levando todo o dinheiro para ajudar o pai. Aos treze anos saiu de casa fugida com o namorado com quem se casaria mais tarde e engravidou pela primeira vez aos quinze, mas perdeu o filho no quinto mês de gestação:

“Eu só tinha quinze anos e a cadeira [quadril] não segurava, cadeira estreita, que eu era nova, eu perdi. Antigamente mocinha nova que ficava grávida era difícil...”

O casamento realizou-se, aos dezesseis anos: engravidou e gestou mais dez vezes, perdeu uma criança no parto e criou nove filhos - quatro homens e cinco mulheres, todos muito ligados a ela espacial e emocionalmente: vivem muito próximos, no mesmo bairro e, às vezes, em casas vizinhas. Há uma grande circulação de crianças pelas casas, de acordo com as respectivas condições financeiras e emocionais e d. Lurdes é o principal ponto de referência em momentos difíceis, como alguma doença, gravidez, falta de dinheiro ou problema conjugal.

Adão, o filho mais velho, mora no bairro com a mulher, tem dois filhos adolescentes, está doente, vive ‘na base do remédio’ e conta com a carroça que a mãe lhe emprestou para fazer carroto; Luciano mora ao lado de Lurdes, com a esposa e uma filha de três anos; Sidney, de dezesseis anos (o caçula), *ergueu* um barraco nos fundos da casa da mãe e vive com a esposa de quinze anos, que está grávida pela primeira vez; Sandro é casado com uma *boa mulher* e vive em um ‘rancho simples, mas muito arrumado’, no fim da rua - tem dois filhos, de cinco e sete anos. Jose era solteira, não tinha filhos; faleceu na creche, de cirrose: ‘misturou bebida com remédio’; Norma ‘está melhor de vida’, e mora com o marido e um bebê na casa da sogra; Ondina é vizinha de Luciano, tem vinte e cinco anos, é casada, tem três filhos entre cinco e dez anos e ‘bebe demais’, assim como Rosana que ‘é um precipício na vida’, está separada, tem cerca de vinte e dois anos e três filhos, o primeiro vive ‘longe’, com o ex marido, o segundo com ela; Sandra tem dezoito anos, é solteira, sem filhos e mora com Ondina, mas passa os dias na casa da mãe. O número de netos (bem como sua idade) de d. Lurdes pode não estar completo: apesar da tentativa de buscar informações mais precisas, não tive acesso, em nenhum momento, a registros de nascimento e carteiras de identidade.

A coleta de lixo surge como forma de sobrevivência diante de uma trajetória precária e instável, fundada no analfabetismo, no número - crescente - de filhos (tinha vinte

anos e quatro filhos) e no alcoolismo do marido. Por isso rodou pela cidade de carroça, ora com o ex-companheiro, ora sozinha ou com algum filho já crescido, durante cerca de quinze anos, em busca de papel, plástico e alumínio do qual obtinha os maiores lucros. A imagem do caminhão de coleta despejando toda aquela ‘riqueza’ no aterro, recém criado (1973), anunciou-lhe uma forma mais direta e ainda mais econômica e autônoma de viver. Trabalhar com coleta/seleção de lixo nas ruas ou em um aterro, implica em baixos custos - energia física ou, no máximo, uma carroça e um cavalo - e significa ter a autonomia dos dias, das horas e do ritmo de trabalho estabelecido pelo fluxo e caráter dos caminhões: de supermercados, dos bairros ricos, dos bairros pobres, etc.

A separação conjugal, efetivada há cerca de treze anos, desencadeou a venda do único terreno que o casal possuía, na vila Biagione (bairro Jardim das Estações), e a volta de d. Lurdes para Boa Esperança, com os filhos Norma, Rosana, Ondina, Sandra, Luciano e Sidney, todos pequenos. Contando apenas com a metade do dinheiro da venda do terreno, da qual se arrepende - *“Ele [o marido] botou fogo em mim pra vender”*, foi impossível recomeçar em outro lugar: voltou para Araraquara e, como única alternativa, foi morar no lixão. Morou ali seis meses, vivendo uma trajetória que, em suas palavras, impôs-se como *destino* e guardou dinheiro com o qual alugou uma casa de três cômodos no bairro Parque São Paulo, *próximo ao depósito de lixo*, para que seu filho mais novo pudesse ir à escola pública e ela pudesse continuar trabalhando. O aluguel pesou, o filho largou a escola, Lurdes voltou ao lixão e ali viveu até ser removida para a creche desativada e, mais tarde, para sua casa atual no bairro Parque Residencial São Paulo.

Trabalhou regularmente no aterro até a remoção que representou em primeira instância a perda de sua renda regular, além da assistência constante fornecida por Igrejas, associações de bairro, prefeitura: a ‘paga’ diante da situação precária, insalubre e real da extrema pobreza:

“Era comida que as pessoa da cidade mandava, umas cesta assim deste tamanho, vinha 5 quilo de arroz, 2 lata de óleo, açúcar, vinha caminhão lonado de mantimento... Agora acabou” (D. Lurdes, 04/1998)

Naquela época o tempo também era feito de insegurança, da sensação de que está ‘tudo parado’, de que não há de onde tirar dinheiro, a não ser da “cata” da cana ou da laranja, ou do lixo da cidade, feita com uma carroça antiga. Os homens e as mulheres

bebem muito: desintegrados socialmente via ‘trabalho formal’ e sem escolaridade básica saem pelo bairro, batendo palmas, pedindo pelas portas - as pessoas sempre *ajudam*.

Muitas vezes encontrei d. Lurdes deprimida, deitada em seu sofá, pensando na vida, testando possibilidades, pensando em saídas, reforçando a idéia de planejamento, em detrimento da visão de imediatismo que funciona como um dos fundamentos das políticas assistenciais:

“Pois é, cê sabe que eu nem durmo às vezes de ficar pensando que não tem dinheiro, não tem nada, tá difícil. Pensei em ir embora, que não adianta ficar aqui só pensando...” (d. Lurdes, 04/1998)

Por isso o lixão foi, e não foi, a pior época de sua vida: havia como ganhar dinheiro, guardar para uma emergência, além da ajuda que ‘nunca faltava’; existem os planos que fazem parte de qualquer vida, por mais desorientada que possa se revelar a trajetória - planos de comprar, quem sabe, um terreno, para ‘colocar uma casa em cima’, mas continuar trabalhando, é claro, pois catar lixo é um trabalho como outro qualquer, apesar ‘de muita gente dizer que não’; sobretudo havia como sobreviver, mesmo que fosse de um modo quase irreal, suspenso, provisório...

Comentário

Os relatos acima reconstituem um pouco da trajetória de d. Lurdes a partir do momento em que o poder público se deu conta da questão do lixo na cidade. De lá para cá, a maioria das pessoas que trabalhavam no lixão e passaram por situação similar continuou lutando para ter acesso ao lixão, embora o local tenha sido fechado ao “público”: as cercas – as mesmas que circundam hoje o local onde funciona a Acácia – mantêm os furos feitos pelos (as) catadores (as) na época em que precisavam invadir o espaço e se deparar com os guardas da prefeitura que tinham a função de não deixar ninguém levar lixo embora sob a acusação de roubo. Foram muitas as disputas. Como a catação passou a ser proibida e a vigilância era muito intensa durante o dia, era preciso catar à noite e sair “feito ladrão” pelo canavial antes que o dia raiasse. Se por acaso alguém fosse pego, o material selecionado após horas de trabalho era apreendido e, muitas vezes, em clima tenso, os carrinhos eram destruídos. Essas são, aliás, as piores memórias – piores, sem dúvida, do que as disputas constantes entre os (as) próprios (as) catadores (as) – que há sobre aquela época.

Enquanto essas disputas ocorriam com certa visibilidade – a imprensa há muito havia descoberto o caminho do lixo –, a nova eleição para a prefeitura estava sendo preparada e no cenário estava um antigo colaborador da causa. Junto a este colaborados, eleito com a grande maioria de votos estiveram outras pessoas que batalharam muito para que a situação descrita tomasse novos rumo. Uma delas é Lena: ex-catadora de lixo, sempre envolvida nos grupos de discussão de mulheres, militante política, atual responsável pela Acácia. Mas Lena já é outro extenso assunto... Um novo momento político abre, enfim, novas possibilidades e é sob uma diferente perspectiva política que a Associação é legalizada, ganha espaço, corpo, se materializa. Finalmente o lixo volta, em 2001, para as antigas mãos, mas sob a roupagem de trabalho formal, com horários, regras, ‘direitos e deveres’.

Neste momento a pesquisa é retomada – muitas idas à usina, muitas conversas com Lena e muita observação – difícil é conquistar conversas com todos, mais fechados do que nunca. Um dos motivos: muita visibilidade. O ônus da conquista são fotos em jornal, visitas semanais de jornalistas muito sensacionalistas, um ritmo de trabalho ‘industrial’ e cansaço, muito cansaço. Qual o problema da visibilidade? De estarem expostos, de existirem para além dos limites daquele pequeno espaço de relações onde sempre estiveram. De terem que “ir pra cidade”, de tirar foto, documento, saber o ano de nascimento, de entrar no espaço da cidadania-burocracia. Isso, tudo isso, não está sendo fácil porque há liberdade em não existir como cidadão e isto está presente em muitas falas inclusive de moradores (as) de rua!

Como conversar tem sido difícil, passei a ir à Acácia apenas olhar, dar uma palavra aqui e outra ali para depois tecer e criar os fios. Gravador, nem pensar, mas tirar fotos, é claro que posso! Tudo mudou, mas não muito, na vida das pessoas, mas o mais importante é captar as mudanças. Nesse sentido passei a conversar mais com d. Lurdes, que já conhecia e, a partir dela, entrar em contato novamente com outras mulheres com as quais já havia falado por ocasião da pesquisa anterior... Assim é que fui me aproximando e conquistando entrevistas realizadas aos domingos – pois a Acácia funciona de segunda a sábado até meio-dia –, sem gravador, nas casas das pessoas.

Questões

Voltei à casa de d. Lurdes a partir de março deste ano e ela me perguntou muito por que eu havia “sumido”. De fato não estive em Araraquara entre 1999 e 2001 e assim que voltei, fui visitar a Associação, portanto a primeira vez que nos reencontramos foi ali. Ficamos muito satisfeitas com esse encontro e reparei que ela estava bem melhor – mais bonita, alegre, - do que das últimas vezes e não pude deixar de supor que a realidade da Acácia é, de alguma forma, melhor. Mais tarde, falando sobre esse assunto, d. Lurdes reconhece que “qualquer coisa é melhor que entrar no lixão escondido” e damos risadas, embora a situação não pareça exatamente engraçada. Acontece que ela está cansada de trabalhar com lixo e gostaria de se aposentar, além disso, alega que há muito mais trabalho (talvez se referindo ao ritmo das horas impostas) e ganha-se menos. De maneira geral, o que ela quer dizer é que financeiramente nada mudou e que não acha que vai mudar, porque nem todo mundo trabalha igual e bem e o dinheiro é dividido por todos igualmente. A queixa é recorrente em tipo de organização como esta, em sistema cooperativo e, no caso, não é uma queixa apenas de d. Lurdes. Alguns fatores, como a quebra da esteira, são fundamentais para a pouca lucratividade, pois catar lixo direto no chão leva muito mais tempo e é mais desgastante. Mas não é só isso. O que chama atenção nos atuais relatos de d. Lurdes é um desânimo mesmo muito grande, quase uma aguda compreensão de que em toda sua vida houve muito trabalho e poucos benefícios. Talvez seja um balanço de sua vivência, provocado em parte pelas minhas visitas, que está em questão. E neste balanço há considerações importantíssimas. Outro dia estava ali sentada em uma cadeira, na mesa do pequeno cômodo sala-cozinha ouvindo novamente que cidade não é lugar para pobre e que depois que a roça acabou, acabou o jeito do pobre viver. E que a roça acabou porque ninguém mais precisa de ninguém pra roçar, que tem máquinas que, “vê se pode, fiquei boba, menina, boba de ver!”, que colhem e debulham o milho – “e pensar que a gente levava tempo, levava tempo, heim, pra fazer o que a máquina faz num instante!” E sendo assim, já era, o pobre vai fazer o que, então?

Essa é a principal pergunta hoje: o que milhares de pessoas, afastadas de seus postos de trabalho, farão? Como gerar renda, gerar emprego, criar saídas que não sejam provisórias? Como gerar possibilidades que não sejam frágeis? Olhando para este modesto estudo de caso, são essas as questões – como criar maneiras que rompam os campos, e ultrapassem a imobilidade e recrie, reinvente jeitos de viver?

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968 (1).
- BASTOS, E. “A fenomenologia e as ciências sociais: a problemática da sociologia do conhecimento”. **Epistemologia das ciências sociais. Série Cadernos PUC**. S. Paulo: EDUC, 19, 1998.
- BOURDIEU, P. et alli. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. S. Paulo: Vozes, 2000.
- _____. (Tradução Mariza Corrêa) **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. S.P.: Papyrus, 1996.
- CASTEL, R. *De l' indigence à exclusion, la désaffiliation. Precarité du travail et vulnérabilité relationnelle*, In DONZELOT, J. **Face à l' exclusion: le modèle français**, 2.ed., Paris: Esprit, 1991.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Portugalia, 1970.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARTINS, J. “O senso comum e a vida cotidiana”. **Tempo Social**; Ver. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio, 1998.
- NERFIN, M. “Neither prince nor merchant: citizen. A introduction to the third system”. Paper apresentado a ARENA/UNO workshop on “Alternative Development Perspectives in Asia”, Bali, Indonesia., mar. 1996 (Extraído via Internet).
- RELATÓRIO DA COMISSÃO GULBENKIAN sobre a reestruturação das Ciências Sociais. **Para abrir as Ciências Sociais**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.
- SANTOS, B. *Da ciência moderna ao novo senso comum. A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 63, outubro, 2002. (p.27)
- SCHUTZ, A. **Fenomenologia del mundo social (Introducción a la sociologia comprensiva)** Trad. Nestor Míguez. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1972.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. R. J.: Zahar Editores, 1981.

TOURAINE, A. Face à l'exclusion. In: BRAUDILLARD, Jean et alli. *Citoyenneté et urbanité*. Paris: Esprit, 1991. p. 165-173.

WEBER, M. *A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais*. In: COHN, G. (Org.) **Max Weber: sociologia**. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13).